

Adolescentes de classe média são estupradas pelo pai

142

Ricardo Kotscho

São Paulo — Em apenas 18 meses de funcionamento em São Paulo, a primeira Delegacia de Defesa da Mulher instalada no país revela um número assustador entre as 7 mil ocorrências policiais já registradas: Mais de 200 casos de estupro de moças adolescentes cometidos pelos pais, que em sua absoluta maioria são chefes de famílias de classe média ou classe média alta, incluindo um diretor de empresa, um dono de haras e um alto funcionário da Justiça.

Por isso, a delegada titular Rosmary Correa acredita que, na realidade, o número de estupro incestuosos seja bem maior, já que as vítimas na classe baixa desconhecem a existência da delegacia ou não ousam denunciar os próprios pais com medo de represálias. "Esse é o problema mais grave que encontramos na delegacia, porque descobrimos que atinge todas as classes, não só os pobres como sempre se pensou, e mostra a desintegração da família", adverte ela.

A delegada conta, com orgulho, que já conseguiu 10 mandados de prisão preventiva contra pais de classe alta que estupram as filhas. Não é muito, reconhece ela, diante do total de denúncias, mas já é um fato novo num campo em que, até recentemente, a impunidade parecia ser total. As mulheres — e até as filhas — estão começando a perder o medo.

Rosmary, que já se habituou a resolver problemas conjugais, reunindo marido e mulher na sua ampla sala bem na entrada da delegacia no Parque D. Pedro II, perto do centro velho de São Paulo, relata um episódio recente para mostrar a que ponto se deterioraram as relações familiares nas classes mais altas.

— Uma garota de 11 anos contou a um tio que tinha sido estuprada pelo pai, e eles vieram aqui fazer a denúncia. Intimei o pai e a mãe para virem à delegacia e, durante todo o tempo, a mulher defendeu o marido, argumentando que a filha estava ficando louca. Quando disse a ela que o marido já tinha contado ao cunhado que estava disposto a trocá-la pela filha, a mulher não se abalou: "Sé é assim, é ele quem sabe. Tem que escolher: ou eu ou ela."

Nos primeiros meses da nova delegacia, a delegada conta que mais de 80% das mulheres que a procuravam para denunciar violências praticadas pelos maridos eram da classe baixa, "um pessoal muito pobre, de favela mesmo". Mas, a partir de março do ano passado, esse perfil da clientela da Delegacia de Defesa da Mulher começou a mudar e, hoje, Rosmary calcula que pelo menos a metade das denúncias é feita por pessoas de classe média para cima.

A delegacia atribui essa mudança à credibilidade que o trabalho das 33 mulheres policiais foi adquirindo com o tempo, a ponto de justificar a instalação de mais cinco delegacias de defesa da mulher na capital paulista e outras sete no interior. Mais do que isso: com o tempo, a delegacia foi mudando seu próprio caráter, constituindo-se atualmente num verdadeiro centro social de atendimento a vítimas de conflitos familiares — e não só de mulheres agredidas pelos maridos ou estupradas por desconhecidos.

No começo, ela estranhava quando via um homem entrando na delegacia sem ser intimado a prestar depoimento,

mas como vítima. De três meses para cá, diz Rosmary, começou a aumentar o número de queixas de maridos denunciando violências praticadas por suas mulheres. Hoje, ela calcula que de cada 10 queixas registradas na delegacia uma é de homem contra mulher.

As policiais que estavam de plantão na madrugada de segunda para terça-feira, por exemplo, tiveram muito trabalho para acalmar um senhor bem vestido, aparentando 40 anos, completamente transtornado com as agressões que estava sofrendo da mulher. Todo machucado, arranhado, ele queria que naquela mesma hora, duas da manhã, as policiais fossem à sua casa para prender a mulher em flagrante.

A delegada de plantão conseguiu convencer o indignado marido que só poderia intimar a mulher durante o dia. O ritual é sempre o mesmo: réu e vítima sentam-se diante da xerifa Rosmary, uma elegante senhora loira de gestos delicados, mas muita firmeza, e ela ouve a versão de cada um. Quando o casal começa a discutir e falar ao mesmo tempo, ela corta logo.

— Quem fala mais alto aqui é a delegada. Se quiserem brigar, podem ir para casa. Aqui não.

Só houve um caso até agora em que a autoridade das mulheres policiais não foi respeitada. Um PM, que estava acompanhando a irmã, recusou-se a sair da sala da delegada, ironizando:

— Você pode mandar na cozinha da tua casa. Na delegacia, não. A delegada não teve dúvidas:

— O senhor está preso e vai ser autuado em flagrante por desacato à autoridade.

As mulheres policiais fazem o mesmo trabalho dos policiais homens, mas na hora de prender algum criminoso reconhecidamente mais perigoso, não pensam duas vezes: pedem reforço. "Ninguém aqui quer ser heroína", afirma Rosmary, sem nenhum constrangimento. O trabalho delas, no entanto, não se esgota na área meramente policial.

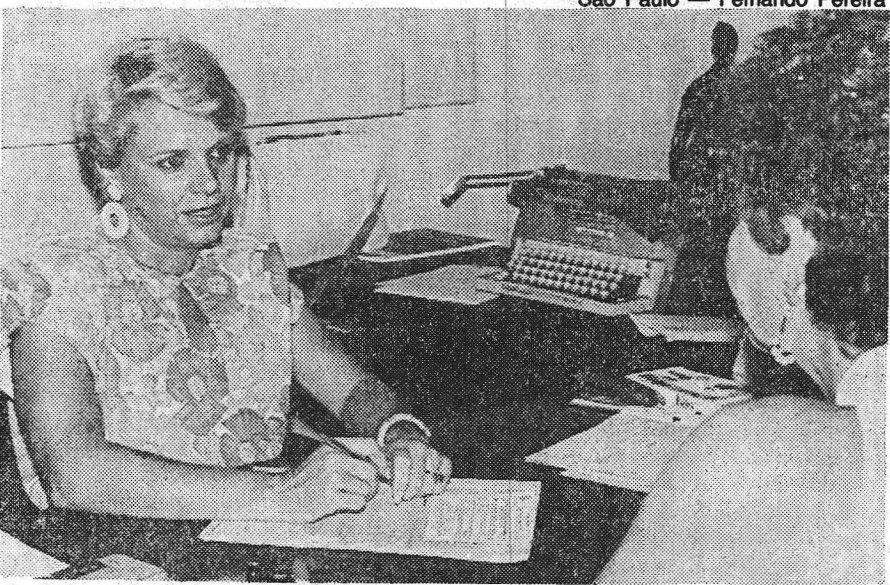
Um exemplo: Há um ano, apareceu uma mulher grávida de sete meses que havia sido espancada pelo marido, mas não queria se separar dele. O marido foi indiciado em inquérito por agressão e a mulher recebeu toda assistência médica, jurídica e psicológica. A delegacia continuou acompanhando o caso e, dois meses depois, a xerifa ficou sabendo que a criança havia nascido e estava passando bem. Em sua homenagem, o pai processado e a mãe agredida — então já reconciliados — deram a ela o nome de Rosmary.

Muitas vezes, os maridos procuram a delegada em busca de um trabalho preventivo. Eles dizem que não querem bater na mulher e pedem ajuda às policiais "para dar um jeito nela". São cada vez mais frequentes os casos em que a origem do conflito conjugal está no trabalho da mulher, como explica a delegada Rosmary.

— Os machões típicos ainda não se conformam com a mulher que tabalha fora. E quando elas passam a ganhar mais do que eles, aí é que o problema fica feio. Eles começam a depreciar o trabalho delas, querendo que parem.

Pela ordem, as causas mais frequentes dos conflitos conjugais são o alcoolismo, o desemprego e o machismo exacerbado. E a delegada Rosmary já sabe: quando o marido denunciado é da alta classe média, pode se preparar para enfrentar um batalhão de advogados.

São Paulo — Fernando Pereira



A delegada Rosmary Correa já conseguiu a prisão de dez pais